

Os epitáfios funerários como suporte para as crenças e práticas mortuárias do Egito Romano: exemplares de Terenuthis e Ábidos

MÁRCIA SEVERINA VASQUES¹

1. Introdução

As estelas funerárias do Egito Romano, com a sua rica iconografia e com os epitáfios escritos em grego, constituem uma documentação material única a respeito das crenças mortuárias deste eclético período da história egípcia. A combinação de elementos oriundos da tradição egípcia nativa com aqueles derivados das tradições grega e romana, em um mesmo suporte, pode ser destacada como um dos exemplos desta complexa interação cultural.

Temos como objetivo apresentar e discutir aqui alguns aspectos decorrentes desta combinação de elementos a partir de duas estelas, uma originária da cidade de Ábidos, no Alto Egito e, outra de Terenuthis, no Baixo Egito. Ambos os exemplares, com características marcadamente distintas, são datados dos séculos I e II d.C., pertencem à coleção do Museu do Louvre e foram publicados por Étienne Bernand (1992, p. 114-115, fig. 65, pr. 40; p. 144-145, fig. 93, pr. 54).

Dividimos nossa exposição em quatro partes: iniciaremos pelo contexto histórico das peças e discutiremos, a seguir, alguns aspectos das crenças mortuárias egípcias, gregas e romanas presentes primeiramente na estela de Ábidos e, posteriormente, naquela de Terenuthis. Após estas análises, tentaremos esboçar uma conclusão a respeito.

2. Contexto histórico

O Egito foi uma província romana de 30 a.C. a 395 d.C.. Durante este período, o país foi governado por um prefeito designado diretamente pelo imperador. Dado a sua

¹ Departamento de História/Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutora

importância política e econômica, o Egito era uma província especial e nenhum senador romano poderia entrar no país sem uma autorização expressa do imperador.

País populoso, de aproximadamente sete milhões de habitantes, segundo Françoise Dunand (DUNAND, 1998, p. 99), o Egito possuía uma grande capital, Alexandria e três outras cidades, que também detinham o título de pólis: Náucratis e Ptolemais, mais antigas e Antinoópolis, fundada pelo imperador Adriano, em 130 d.C.. No entanto, a existência destas outras póleis não impedia que o Egito como um todo, com exceção de Alexandria, fosse designado como *chôra*. A população do Egito era formada pelos egípcios nativos, que obviamente constituíam a grande maioria dos habitantes do país, pelos gregos e seus descendentes (os chamados “greco-egípcios”), pelos romanos (principalmente oficiais com um alto cargo administrativo) e por outros indivíduos oriundos de várias partes do Império Romano.

Quando os romanos dominaram o Egito, após a derrota de Marco Antônio e Cleópatra VII por Otávio, futuro imperador Augusto, encontraram uma rede administrativa estruturada, com sede em Alexandria, que remontava à época da ocupação greco-macedônica, iniciada em 332 a.C., por Alexandre, o Grande e, posteriormente, consolidada com a fundação da monarquia ptolomaica, em 305 a.C.. Data deste período um contato cultural mais estreito entre as tradições egípcia e grega, o qual foi decorrente da presença maciça de imigrantes de origem grega no Egito. Estes imigrantes formaram uma elite, constituída pelos “gregos nascidos no Egito”, apesar de terem se miscigenado com a população nativa, já que a maioria dos imigrantes era composta por homens, que se casaram com mulheres egípcias. No período romano, novos elementos irão se somar a este já complexo “caldo” cultural.

Não nos deteremos aqui em questões relativas à etnicidade. Consideramos que o pertencer ou não a um determinado grupo étnico variava conforme a época e o lugar, sendo que o limite que separa um grupo étnico de outro é dado pelo processo social (BARTH, 1999, p. 204-205). No Egito, em especial, um mesmo indivíduo poderia transitar em variadas esferas culturais e ser considerado, ao mesmo tempo, um egípcio e um grego. Um critério de distinção étnica mais sistemático foi implantado pelo governo romano, que visava enquadrar a população em categorias fiscais. Estavam isentos de pagar impostos os cidadãos romanos e os cidadãos das cidades gregas do Egito (isto é, das póleis), além de alguns sacerdotes e dos filósofos do Museu de

Alexandria. Na categoria dos egípcios havia uma diferenciação social e fiscal baseada no grau de helenização. O grego ou descendente que não habitava uma das pólis poderia se distinguir dos egípcios por critérios como a propriedade fundiária, a habitação urbana e a educação grega. Este, então, pagaria uma taxa reduzida, enquanto os egípcios nativos arcavam com o imposto por inteiro (MODRZEJEWSKI, 1990, p. 260-261).

Quanto às crenças e práticas religiosas notamos que a religião egípcia tradicional permaneceu praticamente inalterada. Os templos continuaram a operar no esquema antigo, apesar das modificações realizadas pelos romanos, como a diminuição de suas terras e o controle sobre a ordenação de novos sacerdotes. Mas a presença de diferentes divindades não era um problema para a religião egípcia e nem para as demais religiões pagãs do Império Romano. A assimilação de divindades era antiga no Egito e também foi praticada pelos romanos quando, por exemplo, da incorporação das divindades gregas em sua cultura. No entanto, no meio indígena, era natural que as divindades gregas e romanas fossem assimiladas aos deuses egípcios tradicionais, fato que também não constituía uma grande novidade, pois Heródoto já havia associado divindades gregas a egípcias no século V a.C..

As crenças egípcias tradicionais são predominantes no contexto funerário. A prática da mumificação foi extensa no período romano, atingindo uma grande parte da população. A qualidade dos sepultamentos e da mumificação dependia do poder aquisitivo da família do morto. Assim, encontramos desde enterramentos mais simples até os mais sofisticados. Algumas modificações foram introduzidas, como a redução do equipamento funerário e a atenção voltada para os envoltórios que cobriam a múmia, como as cartonagens, as máscaras, os retratos funerários e as mortalhas. É nesta categoria, dos costumes funerários, que se situam as estelas de que iremos tratar. Estas eram, geralmente, colocadas na entrada da tumba ou em capelas funerárias, destinadas ao culto dos mortos, realizado pela família ou pelos sacerdotes.

3. Estela de Ábidos

Ábidos era uma cidade do Alto Egito, antigo centro do culto do deus Khentimentiu, que apresentava uma forma canina semelhante a Anúbis, e que,

posteriormente, foi assimilado a Osíris. Acreditava-se que era em Ábidos que estava enterrada a cabeça de Osíris (que havia sido desmembrado por Seth, segundo o mito egípcio, e cujas partes do corpo foram espalhadas pelas diversas regiões do país). Desde o período faraônico Ábidos era um local de peregrinação, onde eram dedicadas numerosas estelas a Osíris. Estas eram colocadas em capelas na avenida que levava ao templo do deus.

As estelas do período romano eram semelhantes às do período faraônico quanto à técnica de fabricação e apresentavam alguma diferença quanto ao tema tratado. As estelas continuaram a ser feitas com o topo circular, sendo as figuras entalhadas com a técnica do baixo-relevo. No período faraônico predominam as estelas com a representação do morto sentado diante de uma mesa de oferendas ou o morto adorando uma ou várias divindades funerárias. Já no período romano a cena que predomina é a do morto sendo conduzido por Anúbis até Osíris. Um elemento iconográfico que permaneceu foi o disco solar alado com as duas serpentes *uraeus*, representação de Hórus de Behedety, que servia como um elemento protetor colocado sobre entradas e portas. Outro elemento tradicional era a posição dos personagens, as divindades à esquerda e as pessoas comuns à direita.

Apresentaremos, inicialmente, a descrição da cena representada na estela e, em seguida, nosso comentário.

a) Epitáfio de um licopolitano (de Licópolis, atual Assiut), morto aos 16 anos.

Localização atual: Museu do Louvre, Département des Antiquités égyptiennes.

Nº de inventário: N329.

Matéria-prima: calcário.

Altura: 1m.

Largura: 52,8 cm.

Descrição: Baixo-relevo representando Anúbis, à direita, conduzindo o morto em direção a Osíris, à esquerda. Anúbis porta sobre a cabeça um disco lunar, segura, em uma das mãos, um vaso ritual e com a outra o braço do morto. Este está vestido com uma longa túnica e segura em uma das mãos um rolo de papiro. Osíris porta a coroa *atef*

e segura o cajado e o açoite. No alto da estela está representado o disco solar alado entre dois *uraeus* (Hórus de Behedety). Logo abaixo deste estão gravadas inscrições em hieróglifo. Texto, em grego, coloca-se abaixo das figuras.

Inscrição:

1. Patri\j me/n moi/ e0sti Lu/kwn po/lij: ei0mi\ d' 0Apo/ll[wn?],
e0n Fari/ni gai/ni Qumo\n a0pofqi/menoi:
nh/pioj h9rpa/sqhn d' e9kkaideka/tou e0niautou=,
4. e3kton a0wrosu/nhj mh=na parerxo/menoi.
Nu=n d' Abudhnai/ou to/n Osei/ridoj am0fipoleu/w
qw=kon kai\ fqime/nwn ou0k e0pa/thsa do/mouj.
0Atana/twn kai\ te/kna memorme/non oi]t?on e/pe/s[pen],
8. a0ll' oi0kei= maka/rwn 0Hlu/sion pe/dion:
e3nq' a3ma paisi/ qew=n me f[e/r]wn Kullh/nioj 'Ermh=j
i3druse kai\ Lh/qhj ou0k elpion liba/da.

Tradução: “Minha pátria é Licópolis; sou Apolo, que perdeu a vida na terra de Pharos. Pobre criança, fui levado com a idade de dezesseis anos, no momento em que eu ultrapassava o sexto mês de meu destino prematuro. Agora eu sou um servidor do trono de Osíris abidiano e eu não pisei a morada dos mortos. Mesmo os filhos dos imortais têm a sorte fixada pelo destino, mas eles habitam os Campos Elíseos dos bem-aventurados. É aí, em companhia dos filhos dos deuses, que me conduziu e estabeleceu Hermes de Cilene e eu não bebi da água do Lethe”.



Figura 1
Estela funerária de Apolo.
Museu do Louvre. N329.
Bernand (1992, p. 144-145, fig. 93, pr. 54).

b) Comentário:

Temos dois elementos a considerar: a iconografia propriamente dita e a inscrição:

1. A cena representada iconograficamente mostra Anúbis, o deus condutor das almas, levando o morto à sala do julgamento, Sala das Duas Mâat, onde está o juiz dos mortos, Osíris, com seus atributos tradicionais, a coroa *atef*, o cajado e o açoite. O morto leva consigo um papiro funerário, que contém as fórmulas necessárias para que ele possa

enfrentar, sem perigo, os obstáculos que encontrar pelo mundo dos mortos. É uma representação egípcia tradicional, relativa à cena do julgamento, presente no Livro dos Mortos. É o episódio da pesagem do coração (capítulo XXXb), que, segundo Budge (1993, p. 129-137), pertencia originalmente ao capítulo 125 do Livro dos Mortos. O morto é levado à presença de Osíris por Hórus ou por Anúbis. O coração do morto deve ser pesado em uma balança, tendo como contrapeso uma pluma representando a deusa Mâat (ou a representação da própria deusa), personificação da verdade e da justiça. Outro episódio importante era a confissão negativa que o morto deveria realizar, recitando os atos abomináveis que ele não cometeu em vida (*Livro dos Mortos*, cap. 125). Se fosse aprovado no julgamento, o morto era considerado justificado e tornava-se um Osíris. A rubrica tradicional para este capítulo era a do morto diante de uma mesa de oferendas adorando Osíris. Portanto, é a iconografia tradicional que aparecia nas estelas do período faraônico. No período romano, a ênfase é dada a Anúbis, que conduz o morto, talvez pela sua associação com Hermes, guia das almas.

2. A inscrição grega é bastante rica e apresenta vários elementos para discussão. Podemos notar que nela estão presentes aspectos originários de diversas tradições gregas relativas ao *post-mortem*:

a) Em primeiro lugar, há uma lamentação do morto, enfatizada pelo fato de a morte haver ocorrido em idade prematura e pela frase “mesmo os filhos dos imortais têm a sorte fixada pelo destino”. Esta é uma visão tradicional da morte como um repouso, havendo a necessidade de resignação, pois este é o destino de todos os humanos (mesmo dos heróis, filhos dos deuses imortais). É este conceito de morte que está presente nos poemas homéricos. A alma dos mortos é como uma sombra, que habita a sua tumba ou a região infernal, domínio de Hades;

b) Logo em seguida, aparece no texto uma referência à crença egípcia, quando se diz que o morto vai ser um servidor do trono de Osíris. Esta, por sua vez, vem associada à visão grega, que apareceu tardiamente, da ida do morto aos Campos Elíseos, lugar para onde se acreditava iam as almas dos bem-aventurados e que, inicialmente, era reservado somente às almas dos heróis. O morto é aí conduzido por Hermes de Cilene (epíteto de Hermes, relativo à montanha da Arcádia onde ele nasceu). Hermes era identificado a Anúbis. É interessante a frase que se segue: “Não bebi da água do Lethe” (Rio do Esquecimento), um dos rios que percorrem o Hades. Nas doutrinas que supunham a

reencarnação, as almas deveriam beber desta água para esquecer a vida passada e estarem prontas para a nova vida que teriam em um outro corpo. Estas doutrinas, como o orfismo, circulavam pelo Império Romano e estavam imbuídas de conceitos filosóficos, esotéricos e de salvação da alma. O orfismo, por exemplo, estava baseado nos mistérios de Dioniso, revelado a Orfeu. O iniciado deveria evitar beber a água do Lethe, porque ele precisava manter a lembrança de sua via terrena. Os iniciados no culto de Mistério não reencarnariam, pois eles iriam direto para os Campos Elíseos. Acreditava-se também que haveria um julgamento do morto, feito por Hades ou Perséfone. As doutrinas que supunham uma vida melhor após a morte estavam ligadas, nos mundos grego e romano, aos cultos de mistérios, como aqueles de Elêusis, consagrado a Deméter e os de Dioniso. Esta segunda concepção de morte grega, mais otimista, se opõe à primeira, dos tempos homéricos.

Concluindo, podemos levantar algumas questões a partir desta estela. Pelo lado egípcio, havia a crença na função mágico-religiosa da mesma. Toda representação do morto funcionava como um *Ka*. O *Ka* era um dos componentes da pessoa quando viva. Quando esta morria, os vários elementos que a compunham se separavam. O *Ka*, uma espécie de duplo ou energia vital, manifestava-se nas estátuas e quaisquer outras representações do morto para receber as oferendas a ele destinadas. A estela era uma alternativa para o *Ka* do morto.

Condizente com a cultura grega está a necessidade de prestar satisfações à sociedade pela função (social) que o morto não realizou em vida, por causa do destino nefasto que o arrebatou. Existe a necessidade de uma justificativa, de se enfatizar que o morto não teve culpa pela sua morte prematura. A família aqui se justificava perante os seus iguais, os membros de sua camada social.

A crença na imortalidade se espelha nos valores egípcios, pensados aqui em termos gregos e, como tal, associados aos cultos de Mistério. O orfismo possuía uma concepção de morte muito parecida com a egípcia. A diferença é que o corpo não valia nada para os órficos, sendo apenas uma prisão para a alma, que se libertava após a morte. Mas não devemos esquecer que Osíris era assimilado a Dioniso pelos gregos (HERÓDOTO, II, 54-55). No entanto, o morto era muito jovem para ser um iniciado em algum culto de Mistério. Podemos supor que esta era a visão de um egípcio que

pertencia a um meio “helenizado”? Ou era a visão de um grego, que interpretava o mito de Osíris, à moda grega? São questões para as quais não há uma resposta. Mas é certo que predomina a crença na imortalidade da alma, combinando elementos egípcios e gregos, que eram de conhecimento comum no mundo romano de então.

4. Estela de Terenuthis (Kom Abu Billou)

Terenuthis, cidade situada no Delta Ocidental, era um antigo centro de culto da deusa cobra egípcia Renenutet. Durante o período romano a importância da cidade resultava do comércio de natrão, porque se situava próxima à estrada que levava a Wadi Natrum (“Vale do Natrão”), uma referência à região egípcia cujos lagos forneciam este sal.

As estelas funerárias de Terenuthis apresentam características não usuais, com uma iconografia bem ao estilo greco-romano: o morto possui o cabelo e as roupas em estilo romano, os motivos arquitetônicos são em estilo clássico e as estelas têm a forma retangular. Geralmente, os elementos egípcios que aparecem se restringem ao chacal de Anúbis e ao falcão de Hórus.

Apresentaremos, a seguir, a descrição da estela e a inscrição que ela comporta.

a) Epitáfio de Apolodoro.

Localização atual: Museu do Louvre, Département des Antiquités égyptiennes.

Nº de inventário: sem número.

Matéria-prima: calcário.

Altura: 31,5 cm.

Largura: 31,5 cm.

Espessura: 7 cm.

Descrição: Dentro de um edifício sustentado por duas colunas (um templo ou santuário), o morto está representado reclinado sobre um leito funerário. Cabelo curto, em forma de cuia, segundo a moda romana da época de Nero. Ele está vestido com uma longa túnica de mangas curtas e um manto, apóia o cotovelo esquerdo sobre as

almofadas e segura um buquê, na mão esquerda, e uma copa, na direita. À sua esquerda, o cão de Anúbis está representado deitado sobre um elemento arquitetônico. Diante do leito estão representadas as oferendas funerárias: um feixe estilizado, ânforas, uma mesa com três pés contendo duas copas e um jarro.

Inscrição:

0Apol(1)0/dwroj filo/teknoj, (e0tw=n) l8b8, (e3touj) id,
Faw=[fi]

Tradução: Apolodoro, que amava seus filhos, (idade de) 32 (anos), (ano) 14, 30
Phaôphi.



Figura 2
Estela funerária de Apolodoro.
Museu do Louvre. Sem número.
Bernand (1992, p. 114-115, fig. 65, pr. 40)

b) Comentário:

Neste caso a inscrição pouco vem acrescentar à iconografia, a não ser pelo fato de ser uma fórmula funerária grega comum, que expressa o pesar da família pela perda do morto. Agora várias observações podem ser efetuadas quanto à iconografia, pois o motivo do banquete funerário estava presente nas três culturas tratadas: a grega, a romana e a egípcia, ressaltando-se as especificidades de cada uma delas.

Segundo Kurtz e Boardman (1971, p. 234), o motivo do banquete apareceu na Grécia a partir do século VI a.C.. O morto era retratado deitado sobre uma *kliné* e outros acessórios completavam a cena: uma mesa com comida, uma mulher sentada e pequenas figuras de atendentes. Esta seria uma representação do morto como herói e a origem de seu motivo é desconhecida. Esta visão do morto como herói implica em acreditar em uma forma de vida após a morte. Mas a questão da imortalidade nos epítáfios gregos irá aparecer com mais evidência a partir do período helenístico, quando praticamente todos os mortos receberam o título de herói (Kurtz; Boardman, 1971, p. 299).

Os romanos tinham uma referência antiga a respeito de cenas de banquete, que remonta aos etruscos, pois estas eram freqüentes nas pinturas das tumbas etruscas dos séculos VI e V a.C.. O morto era representado se divertindo, participando de jogos, de festas, dançando e ouvindo música. Segundo Toynbee (1971, p. 12), algumas cenas etruscas do século IV a.C. mostram o morto reclinado sobre um divã com sua esposa sentada aos seus pés. No período imperial era comum a representação de cenas do banquete funerário sobre tampas de sarcófago e estelas funerárias, com o morto representado reclinado, segurando uma copa em uma mão e uma coroa de flores, na outra. E diante do leito havia uma representação de uma mesa baixa com três pés, coberta com utensílios diversos.

Quanto ao Egito podemos lembrar que existiam também cenas de banquete pintadas em tumbas privadas do Novo Império (1570-1293 a.C.). O morto era retratado sentado entre os convivas. O repasto funerário era retratado festivo, com músicos e belas jovens nuas, que serviam os convivas. Segundo Brancaglione (1999), o aspecto sexual destas cenas exercia a função de assegurar a fertilidade do morto e, assim, fazer

com que ele renascesse para a nova vida. Mas o único elemento egípcio presente na nossa estela, o chacal de Anúbis, não aparecia nestas pinturas antigas.

Para concluir, podemos dizer que este tipo de figuração é típico do mundo romano deste período. Acrescenta-se a isto o fato de o morto ser representado com um penteado romano, comum à época de Nero e estar vestido à romana. Podemos levantar algumas questões a respeito: as cenas de banquete podem se referir a duas ocasiões distintas: ao banquete que a família realizava para o morto ou ao banquete realizado no mundo dos mortos (Campos Elíseos). Acreditava-se que nos Campos Elíseos o morto poderia desfrutar dos mesmos prazeres que tinha em vida (participar de banquetes, de caçadas, dançar etc.). Já a representação do morto segurando uma taça de vinho pode estar associada tanto a Osíris como a Dioniso, o qual, como já vimos, poderia ser considerado o mesmo. Guirlandas de flores eram comuns nos sepultamentos egípcios, gregos e romanos. Já as rosas tinham um papel específico para a cultura romana, sendo uma garantia de vida eterna no Além (Toynbee, 1971, p. 63).

Há também a visão egípcia, onde os vários elementos do banquete estão associados à idéia de vida após a morte, regeneração, renascimento (nas representações egípcias tradicionais). Acrescenta-se a isto o fato de a estela poder funcionar magicamente, para que não faltasse comida ao morto. O chacal de Anúbis lembraria que este deus estava encarregado de conduzir as almas dos mortos ao Além.

Mas, neste caso específico, as crenças egípcias não estão tão claras. O desconhecimento do modo de sepultamento destes indivíduos torna difícil afirmar categoricamente que a crença egípcia na vida após a morte predomina neste contexto. No entanto, é um dado que, na maioria dos casos, prevaleciam os rituais egípcios tradicionais. Além disso, a cena de banquete pode significar também esta crença em uma vida mais feliz após a morte, referendada pelo chacal de Anúbis, cuja função era conduzir a alma do morto ao outro mundo.

5. Conclusão

É comum a consideração que, no Egito Romano, os estrangeiros adotaram as crenças egípcias nativas relativas à vida após a morte. Em geral, o argumento usado

para explicar esta aceitação baseia-se no fato de a religião egípcia ser otimista, em relação à vida póstuma, atraindo inúmeros adeptos. Ela se contraporia, neste sentido, às idéias gregas e romanas tradicionais, que, por serem pessimistas, não proporcionavam nenhum conforto espiritual. Concordamos que este argumento é válido, mas acreditamos que ele é simplista e não leva em consideração a complexidade da questão. Podemos observar, a partir destes dos exemplos destas duas estelas, que a concepção de morte existente no período imperial romano combinava elementos oriundos de várias tradições. A visão tradicional da vida após a morte como uma existência sombria no mundo inferior continua em voga, mas pode ser combinada com outras ideias que circulavam na época, principalmente àquelas decorrentes dos chamados cultos de Mistério que, apesar de terem uma origem muitas vezes oriental, foram pensados e formulados na Grécia, principalmente a partir do período helenístico. Neste sentido, acreditamos ser importante ter em mente que os habitantes do Egito Romano tinham à mão uma variedade enorme de crenças e práticas à sua disposição. Elas poderiam se combinar, sem excluírem umas às outras e sem perder a sua identidade. Mas acreditamos que, de alguma forma, prevalecia a crença na imortalidade da alma, provavelmente fortemente influenciada pelo meio indígena egípcio, mas que poderia ser interpretada de variadas maneiras.

Referências

BARGUET, P. **Le Livre des Morts des Anciens Égyptiens**. Paris: Les Éditions du CERF, 1967.

BARTH, F. **Les groupes ethniques et leurs frontières**. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.

BERNARD, E. **Inscriptions Grecques d'Égypte et de Nubie au Musée du Louvre**. Paris, Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1992.

BRANCAGLION, A. **O banquete funerário no Egito Antigo, Tebas e Saqqara: tumbas privadas do Novo Império (1570-1293 a.C.)**. 1999. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

BUDGE, E. A. W. **O Livro Egípcio dos Mortos**. Tradução Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Editora Pensamento, 1993.

CHARRON, A. (dir.) **La mort, n'est par une fin**. Pratiques funéraires en Égypte d'Alexandre à Cleopâtre. Catalogue d'exposition. Musée d'Arles Antique, 28 sep. 2002 – 5 janv. 2003.

HÉRÓDOTO **Histoires**. Livre II. Tradução E. Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

KURTZ, D. C.; BOARDMAN, J. **Greek Burial Customs**. Thames and Hudson, 1971.

LATTIMORE, R. **Themes in Greek and Latin Epitaphs**. University of Illinois Press, Urbana, 1962.

MODRZEJEWSKI, J. M. **Droit Impérial et traditions locales dans l'Égypte romaine**. Collected Studies 321. Variorum: Joseph Stock, 1990.

ROBINS, G. **The Art of Ancient Egypt**. London, The Trustees of the British Museum, British Museum Press, 1997.

TOYNBEE, J. M. C. **Death and Burial in the Roman World**. Thames and Hudson, 1971.

WALKER, S. (Ed.) **Ancient Faces**. Mummy Portraits from Roman Egypt. New York, The Metropolitan Museum of Art, 1997.

WILKINSON, R. **Reading Egyptian Art**. A Hieroglyphic Guide to Ancient Egyptian Painting and Sculpture. London, Thames and Hudson, 1994.

WILKINSON, R. **The Complete Gods and Goddesses of Ancient Egypt**. London, Thames and Hudson, 2003.